

Gebara: “meu pai foi meu melhor professor”

No Aero Willys da década de 1960, o futuro Dr. Otávio Celso Eluf Gebara, acompanhado da mãe e do irmão, passou muitas horas de sua infância esperando o pai, Mansur Bittar Gebara, que atendia a domicílio os pacientes cardíacos. Só quando terminava a visita é que a família seguia para almoçar no Clube Monte Líbano.

“Naquela época, em que não havia sequer ainda a especialidade cardiológica, o profissional era um médico da família”, conta Otávio, “e papai, como assistente do professor Jairo Ramos, visitava os pacientes em casa. Só o eletrocardiograma tinha que ser feito no consultório, pois o aparelho era tão grande que não podia ser transportado de um lado para outro”.

“Não havia bip nem celular”, lembra, e, se um doente ligava, “minha mãe tinha que acalmá-lo. Chegava a recomendar um analgésico, mandava respirar fundo e garantia que ia dar um jeito de achar meu pai para que o paciente ficasse tranquilo”.

Mansur, formado em 1947, morreu no ano em que comemorou 60 anos de formatura. Ele foi chefe da Propedêutica da Faculdade Paulista de Medicina, lecionou a vida inteira, escreveu um livro sobre epônimos na prática médica, formou toda uma geração de profissionais e ajudou a muitos, como ao professor Michel Batlouni, que repete sempre: “quando cheguei a São Paulo, sem nada, Mansur Gebara me emprestou uma sala no consultório dele”.

Para Otávio, a opção pela medicina foi absolutamente natural. Ele ouvia as histórias das

doenças que o pai contava numa linguagem que as crianças podiam entender - “esse paciente tem uma barriga grande, é muito gordo, por isso está doente”.

Quando Otávio contou ao pai que ia fazer o vestibular da Fuvest, o professor Mansur recomendou: “ponha na ficha a USP como primeira opção, pois não seria bom você estudar onde sou professor. Iam dizer que é meu protegido”. O filho aceitou o conselho e entrou na USP, embora o pai sempre repetisse que “a USP tem os grandes cirurgiões, mas os melhores clínicos e propedeutas estão na Paulista”.

Formado, fez residência no Hospital das Clínicas e no InCor, parte da pós-graduação em Harvard, doutorou-se e fez livre-docência. O pai nunca escondeu o profundo orgulho que tinha, nem a satisfação porque estavam na mesma carreira. “Lembro-me de meu pai insistindo para que eu estudasse mais, ao invés de trabalhar tanto, dividindo o mesmo teto no consultório.” Ele sempre privilegiou a pesquisa e o estudo, ao invés dos plantões.

Para Otávio, embora nunca tenha estado numa sala de aula com Mansur como mestre, seu pai foi sempre seu melhor professor.

“*Ele sempre privilegiou a pesquisa e o estudo, ao invés dos plantões.*”

Mansur Bittar Gebara, em 60 anos de carreira, formou toda uma geração de profissionais. Não chegou a lecionar para o filho, Otávio Celso Eluf Gebara, mas sempre insistiu para que ele estudasse mais e trabalhasse menos.



Foto: Arquivo pessoal